

MICROSCOPIO

Distinguindo-me entre os políticos riograndenses, atirou-me o sr. Luiz Carlos Prestes, em palestra mantida com um representante 'do "Correio do Povo", a tremenda pecha de reacionário. Por que reacionário? Por haver combatido, desde o primeiro dia, a primeira ditadura do sr. Getulio Vargas e estar ainda combatendo a segunda? Não, senhores, porque isso seria realmente demais. Mas porque, em alguns dos meus escritos políticos, eu teria condenado o movimento dos "Ellas", na Grécia, e o governo polaco de Lublin.

Ora, deve haver forçosamente uma grave falha na organização que o chefe comunista está lançando no País. O seu serviço de informações, pelo menos, não parece perfeito, pois nunca me referi, em meus comentários, ao governo de Lublin, constituído pela Rússia. Quanto ao caso da Grécia, dele me ocupei duas vezes. Na primeira, a 7 de dezembro do ano findo, passava eu em revista certos sintomas inquietadores para a organização da paz, que já se podiam notar no mundo. Assim, condenava a intempestiva intervenção britânica na constituição do governo italiano, criticava a tendencia imperialista do general De Gaulle, agora plenamente manifesta no caso da Síria, e referia-me finalmente à Grécia, nos seguintes termos: "Vemos a Grécia, mal liberta da opressão do invasor, entregue à luta das facções".

Três dias mais tarde, falando do espirito de violencia sempre despertado pela guerra, escrevi as seguintes palavras relativas à nação helênica: "Incisiva ilustração do fenômeno é a que se está verificando na Grécia. Foi esta das nações que mais padeceram com a brutalidade fascista. Surge agora a libertação, depois de longos anos de duro cativeiro. Que vemos então? O desejo de fruir, como bem comum, a liberdade? Não, muito pelo contrário: as facções a lutarem furiosamente entre si, no triste afã de se imporem pela força e dominarem a Nação".

Como se vê, não nomeei os "Ellas", nem nenhuma outra facção grega. Verberei, isto sim, que se estivesse sobrepondo a violencia aos processos democráticos. Condenei, na Grécia, o golpismo, que o sr. Luiz Carlos Prestes não se cansa, atualmente, de vituperar no Brasil. Nada mais do que isto. Se reacionário sou, reacionário também deve ser o chefe comunista.

Existe, entretanto, uma pequena mas significativa diferença entre a minha posição e a dele. O golpismo em ato, que eu condenava, era a negação da democracia: o golpismo em potência, a que ele constantemente se refere afim de produzir uma cortina de fumaça proveitosa ao candidato inominado, só poderia tender, pelo contrário, a assegurar o restabelecimento da democracia. Golpe e golpe; golpe real e golpe imaginado; golpe anti-democrático e golpe democrático: eis a diferença.

Isto bem esclarecido, reconheço agora, de boa mente, merecer o epíteto de reacionário. Com efeito, quando os extremistas se travestem de democratas, que posição restará aos verdadeiros democratas, senão a da reação ao embuste, à corrupção e à violencia?

RAUL PILLA

19.6.45